

UM CORAÇÃO ARDENTE

Lygia Fagundes Telles

O velho voltou-se para a janela que emoldurava o céu estrelado. Sorriu. Tinha uma bela voz.

— Mas eu dizia que na minha juventude fui um escritor que acabou enveredando por todos os gêneros literários, fiz poesia, prosa... Na realidade eu não tinha talento mas tinha a paixão e daí meti-me também na política, cheguei a escrever uma doutrina para meu partido enquanto mergulhava na filosofia, ó Sócrates, ó Platão!... Trazia na lapela do paletó o distintivo de filósofo, uma corujinha de esmalte vermelho pousada num livro.

Calou-se. Acendeu um cigarro. Tinha no olhar uma expressão de afetuosa ironia, zombava de si mesmo mas sem amargura.

— Eu não tinha talento nem para a literatura e nem para a filosofia, nenhuma vocação para aqueles ofícios que me fascinavam, essa é a verdade, tinha um coração ardente, eis aí, tinha apenas um coração ardente. Meu primeiro filho Athos herdou esse tipo de coração e comecei a me preocupar porque quando as emoções falam mais alto do que a lógica a coisa vai ficando perigosa, está me compreendendo? Eu o observava e de repente tive medo, fiquei vidente, adivinhando o que ia acontecer lá adiante...

Acendi um cigarro e esperei olhando para o tapete da sala com suas rosáceas. Ele demorou para falar, novamente voltado para o céu.

— Um antigo poeta escreveu: *Pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir e de entender estrelas...* Então devo ser surdo porque amei tanto e nunca ouvi a voz de nenhuma delas.

Voltou-se para mim, tinha agora uma sombra na fisionomia.

— Mas eu dizia que o meu primeiro filho Athos herdou esse tipo de coração e gente assim ama mais, odeia mais, vai se queimando e vai se renovando, mas de onde vem tamanha energia? Um mistério. Em redor as pessoas ficam fascinadas, é sedutor um coração ardente, mas quem não quer se aquecer nessa chama? Pois meu filho Athos herdou esse coração, matou-se antes de completar vinte anos... Com essa idade eu ainda morava com a família, meu irmão no quarto ao lado a se queixar para o pai, “Esse seu filho leu o *Dom Quixote* e agora está se sentindo o próprio, passa a noite acordado e andando de um lado para outro sem parar mas será que não podia ao menos tirar os sapatos?!” Fiquei irritado, resolvi viajar e então o pai veio falar comigo, “Calma, filho, calma! Você está estudando e vai agora perder as aulas? Interromper o

curso? Desconfio que o que está lhe fazendo falta é uma namorada, siga o meu conselho, que tal uma namorada?”

Encontrei a namorada tomando coalhada numa leiteria, Ah! aqueles belos olhos negros. Chamava-se Alexandra e era órfã de pai, um russo que tinha-se matado e agora ela estava só no mundo porque a mãe saiu para comprar pão e desapareceu. Minha paixão foi repentina, Ai! Alexandra. No segundo encontro, na despedida achei-a assim meio hesitante, preocupada. Contudo, beijou-me na face e deu o endereço, Rua da Glória. Comprei um ramo de rosas e fui até a tal rua mas perdi a fala quando me atendeu uma velhota de cabelos pintados de vermelho, era a dona do prostíbulo. Entreguei-lhe tremendo o ramo de rosas, Para a Alexandra, ela sabe, o amigo da leiteria! disse e fui indo completamente desnordeado pela rua afora, mas então a Alexandra... Pois o meu filho Athos tinha também esse coração ardente e foi por isso que saí correndo feito louco quando me avisaram que sua noiva teve um acidente no trânsito e estava no hospital mas sem a menor esperança. Morreu! pensei mas não fui para o hospital, fui para casa porque sabia, ah! sabia que ele já estava em casa. Desabava uma tempestade e eu correndo pela rua afora a acenar para os carros, tentei agarrar um deles, Depressa que o meu filho vai se matar! Cheguei encharcado, sem fôlego, atirei-me nos primeiros degraus da escada e o silêncio. Fiquei assim largado e com a cara no chão a olhar para uma formiga que tentava sair da fenda do degrau e o silêncio. Então me levantei de um salto e subi a escada aos gritos embora soubesse que ele não podia mais me ouvir, Não, filho, não!...

O velho ficou respirando de boca aberta. Esperei. Quando ele recomeçou a falar voltei a encará-lo mas sabia o que tinha acontecido, encontrou o filho no chão, o peito varado por uma bala. Baixei o olhar para a rosácea do tapete.

— Tive mais dois filhos, ah! esses são economistas sólidos, tranquilos, mas aquele primeiro que herdou este coração... Eu dizia que meu pai ouviu a história do meu encontro com Alexandra, a leiteria e depois... Apertou-me num abraço e falou nas três maiores virtudes: a Fé, a Esperança e a Caridade. E se eu escolhesse a Caridade e me empenhasse até o fundo da alma para ajudar aquela moça que devia estar esperando por alguém que lhe estendesse a mão? Mas sem prejudicar meu trabalho, tocando para a frente os meus estudos, ah! como me conhecia aquele pai. Fiz minhas sondagens, pesquisei e então voltei à Rua da Glória, olha aí a ironia desse nome... Atendeu-me a mesma mulher de cabelo vermelho. Quando perguntei por Alexandra ela me encarou demoradamente, não era o moço das rosas? Ah! sim, pois a Xandra, esse era o apelido, estava livre. Avisou-me em seguida, teria que pagar adiantado. Paguei, ela agradeceu e me conduziu ao longo corredor com o desbotado tapete azul. Bateu de leve na primeira porta, “Xandra, uma visita!”. Alexandra estava

sentada no chão, pregava miçangas vermelhas num vestido. Levantou-se, apontou sorridente para as rosas no jarro e avançou para me beijar. Afastei-a delicadamente, viera só para conversar. Ela me encarou, “Só conversar?... Tudo bem, meu querido, você manda! Aceita tomar um chá?”. Acendeu a espiriteira e serviu-me o chá com as bolachas que tirou de uma lata. Sentou-se em seguida no chão e recomeçou a lidar com as miçangas. Comecei por fazer-lhe perguntas e ela foi respondendo, a infância pobre, a morte do pai numa briga, a mãe que acabou sumindo neste mundão. Não tinha estudado, saiu da escola com o primeiro namorado e depois, ora depois... Quando se calou fui me sentar ao seu lado no chão e comecei a anunciar meus planos, Ah! tinha ótimos planos de futuro, tomara até as primeiras providências: ela podia sair imediatamente daquela casa e iria para um excelente pensionato católico e em seguida a escola, Que maravilha aprender a ler, escrever... Mais tarde um emprego, deixasse por minha conta porque aos poucos iria cuidar de tudo. Ela ouvia em silêncio, lidando com suas miçangas. Às vezes me encarava mas logo baixava a cabeça. Quando me calei delicadamente me avisou, “Acabou o nosso tempo!”. Ficou ainda um momento em silêncio, me olhando. E logo recomeçou a falar, Ah! sim, agradecia, mas não queria mentir porque a verdade é que estava muito feliz ali. Gostava da casa, da dona, “São todas minhas amigas! É esta a minha vida, sair daqui nem pensar, nem pensar!”, repetiu e me encarou rindo, “Acho que o senhor é um padre, não é um padre?”, perguntou e foi me levando até a porta. Beijou minha mão. Avisei-lhe que não era padre mas alguém que gostaria tanto de ajudá-la, era isso, ajudá-la. Ela curvou-se, “Agradeço muito, senhor, mas sair daqui não!”.

Quando contei ao meu pai o encontro ele achou graça, afinal tinha tentado praticar a nossa virtude maior, não podia esquecer isso.

Uma semana depois voltei à Rua da Glória porque me lembrei que não tinha deixado meu endereço, e se ela resolvesse mudar de ideia? Encontrei a casa no maior reboliço, ainda na calçada já ouvi as vozes exaltadas. Atendeu-me a mulher dos cabelos vermelhos, chorava e enxugava os olhos numa toalha enrolada no pescoço, “Aconteceu uma tragédia, a minha menina, a Dedê se matou, era a mais bonita e a mais querida de todas e se matou!”, ficou repetindo enquanto esfregava a toalha nos olhos. Avisou que a Xandra passou a noite fora e não tinha ainda voltado. Tentei então me desvencilhar mas ela agarrou meu braço e foi me conduzindo pelo longo corredor com o mulhierio zanzando de um lado para o outro feito barata tonta em chapa quente do fogão. “Venha, venha ver a pobrezinha, tomou soda cáustica, era a mais bonita de todas, já chamei a polícia!”

Entre no último quarto do longo corredor. Estendida na cama estava a moça coberta com um lençol. Na mesa de cabeceira a lata de formicida, uma garrafa de água

e o copo quebrado no chão. Não vi seu rosto que o lençol cobria mas estavam descobertos os pequenos pés muito brancos, as unhas pintadas com esmalte rosado. Encostei-me no batente da porta e acendi um cigarro. Minha presença acabou por irritar a mulher sentada numa almofada, “E esse daí com essa cara! Está achando divertido, hein?! Vocês homens são todos uns canalhas, essa coitadinha era ainda uma criança, escutou isso? Era ainda uma criança, vinha sempre se queixar, era ainda uma criança!”. Encarei a mulher mas pensava em Alexandra, “Uma criança que gostava desse brinquedo, não gostava?”, perguntei e tive que me abaixar para não levar na cabeça o chinelo que me atirou, “Canalha, sujo! Saiba que a Dedê era uma menina direitinha, vinha conversar e chorava tanto, queria a mãe, queria o pai, ah! a coitadinha queria mudar de vida, se casar e ter uma família, filhos, tudo assim direitinho, mas alguém pensou em dar a mão pra ela? Repetiu tantas vezes que se ao menos soubesse ler mas assim, com tudo tão difícil lá fora que emprego podia arrumar? Chorou muito, escutou isso? Tinha só quinze anos mas vocês, uns canalhas, canalhas!...”.

Fui indo pelo corredor completamente atordoado, quer dizer que errei de quarto?!... Mais alguns passos, pensei e me voltei ainda para ver a maçaneta escura, se desse mais alguns passos... Entrei então no quarto errado? A mulher do cabelo vermelho reapareceu de repente, “Uma tragédia! E essa polícia que ainda não chegou, o senhor viu a pobrezinha? Nunca foi alegre que nem as outras mas não pensei que fosse se matar!”.

Acompanhou-me até o portão e na despedida inclinou-se respeitosamente e beijou minha mão, também estava certa que eu era um padre. Fui seguindo pela rua meio atordoado, Ah! vida tão louca e ao mesmo tempo tão lúcida. Os acasos, os imprevistos, vida ingênua e de repente astuta, apesar de tudo valia a pena viver, uma beleza a vida!...

Parei na esquina e baixando o olhar vi brotando entre as pedras da sarjeta uma pequenina flor de cabeça vermelha. Pensei em Alexandra com suas miçangas. Inclinei-me, Minha florzinha tonta, você é tão mais importante porque você está viva e que extraordinária experiência é viver! Aproximei-me de uma árvore com sua frondosa folhagem. Apertei no peito o coração, era isso, Um coração primitivo! disse em voz baixa e quando encostei a face no tronco da árvore foi como se tivesse encostado a face na face de Deus.

(In: Lygia Fagundes Telles. *Um Coração Ardente*, Companhia das Letras, São Paulo, 2012.)